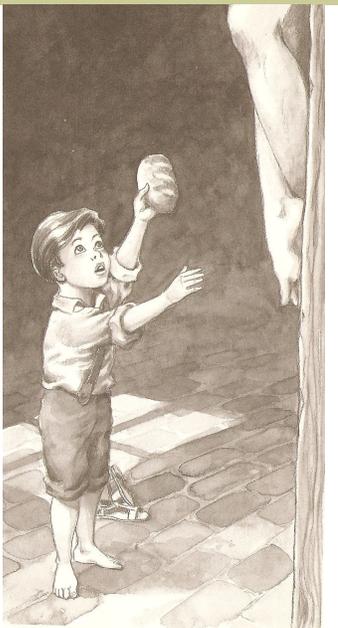


Marcelino Pão E Vinho, uma obra esquecida

Julio Aldinger Dalloz

1. Introdução

Em recente enquete realizada em Madrid, para indicar as obras fundamentais da literatura infantil e juvenil espanhola, observa-se a ausência da única dentre todas as citadas cujo autor, em 1968, obteve a *Medalha Hans Cristian Andersen*. Trata-se de *Marcelino, pão e vinho*, de José María Sánchez-Silva.



A crítica recente, em contraste com a excelente recepção que a obra alcançou entre os anos 50 e 60, também em sua versão fílmica, tem tratado de maneira bastante severa o conto de Sánchez-Silva. Antonio Orlando Rodríguez (2003) a considera talvez um tanto lacrimajante para o gosto contemporâneo e as novas tendências da literatura infantil. Também destaca o corte religioso e moral do relato, motivo pelo qual essa obra não alcança a transcendência e a originalidade de outros criadores laureados com o *Prêmio Hans Cristian Andersen*.

Em outro texto, o mesmo crítico (2007), através da metáfora da Gata Borracheira subordinada à sua invejosa e pedagógica madrasta, analisa que esta tutela oportunamente fez-se em pedaços com a aparição de livros que defendem o direito à fantasia, à invenção de universos, ao humor, ao questionamento e à reflexão. Parece-nos,

entretanto, que estes elementos arrolados por Rodríguez não se ausentam de *Marcelino Pão e Vinho*.

Já em 1978, Bruno Bettelheim, em seu clássico *Psicanálise dos contos de fadas* (p.23), ao referir-se aos temas religiosos na literatura infantil e juvenil, afirma que eles já não provocam associações de significado universal nem pessoal. Contrariamente a Bettelheim e Rodríguez, em *Teoria de la literatura infantil*, Juan Cervera (1991, p.23), baseado em estudos recentes, acerca da presença de motivos religiosos nas obras oferecidas às crianças, afirma que estes “estão presentes na literatura infantil, da mesma maneira que eles estão nos sentimentos da criança”.

Contrariamente ao personagem que nomeia o romance, Sánchez-Silva teve vida longa (1911-2002); compartilha em parte com o seu personagem – Marcelino – o fato de haver, aos nove anos, perdido sua mãe; opostamente àquele personagem no livro lançado em 1952 e, em 1954, consagrado em filme homônimo dirigido por Ladislao Vajda, José María Sánchez-Silva pôde prolongar sua estirpe. Assim, na tradução brasileira da obra, feita por Dom Marcos Barbosa, lançada pela Editora Record, pode-se ler uma dedicatória: “Ofereço este livro a minha filha Sara, religiosa da Companhia de Maria num convento de La Rioja” (p.3).

Semelhanças e dessemelhanças apontadas entre autor e personagem encaminham, concretamente, uma reflexão sobre as relações entre a experiência vital do autor, sua visão de mundo, ancorada em uma fé cristã inabalável e a feitura do seu personagem mais famoso: Marcelino. Um elo os une: a orfandade de ambos.

2. A trouxa de roupa e a fuga do tempo

Um narrador onisciente instala o relato por volta de 1800, período em que a Espanha é invadida pelas tropas napoleônicas. Sobre as ruínas de uma granja, espaço de resistência imposto aos invasores estrangeiros, três franciscanos, obtida a permissão pelo prefeito do lugarejo para ali edificarem um convento,

põem-se a trabalhar. São eles: um frade ancião; um outro, decidido e engenhoso; e um terceiro que busca água, num regato próximo.

Após cinquenta anos, as ruínas da antiga granja transformam-se em uma construção tosca e simples, mas sólida, que às vezes tem abrigado das tempestades peregrinos e pastores e cujo telhado passa a agasalhar doze frades, entre os quais aquele, outrora jovem e empreendedor, agora velho e enfermo, o "Frei Dodói".

Corre a água do regato; árvores, arbustos e flores são plantados; magnífica horta abastece o convento. O tempo passa, alvorece o século XX. Fala o narrador: "Certa manhã quando os galos ainda dormiam, o irmão porteiro ouviu um choro junto à porta, apenas encostada". Quase tropeça "numa espécie de trouxa que se mexia". Diz o narrador:



O bom irmão recolheu a criaturinha e entrou no convento. Para não despertar os que bem mereciam dormir, cansados de seus trabalhos e caminhadas, entreteve o menino como pôde: nada lhe ocorrendo de melhor, embebeu com água um chumaço de linho e o deu para o bebê chupar, após o que ele pareceu conformar-se com o silêncio exigido. (p.7-8).

Inegavelmente o relato, iniciado pela vinda de "três filhos de São Francisco", no início do século XIX, a um povoado, realimenta-se da consistência mítica que o norteia: um pequeno ser envolvido em uma manta, colocado à porta de um convento, próximo a um regato, é recolhido por um irmão; para aplacar o choro da criança, este embebe com água um chumaço de linho que o bebê chupa, "após o que ele pareceu conformar-se com o silêncio exigido" (p.8). O três da trindade, a trouxa que remete ao cesto de vime em que foi achado Moisés, a água do regato que embebendo o linho, tecido de que foi feita a mortalha de Cristo e cujas ressonâncias, fortalecidas pela fé, ressoam no Santo Sudário até hoje, compõem o enquadramento mítico-cristão do relato de Sánchez-Silva. Inclui-se, então, o conto em questão como conto religioso, dentro do grupo maravilhoso (Cervera, 1991, p.115-116).

O som longínquo do canto de um galo, o deslizar de outro, caçando não se sabe que bichinhos ainda sonolentos, no pátio conjugam-se ao toque do sino que anuncia à casa que um hóspede novo chegara: canto de galo, o ciscar feito pelos pés e bico de outro, sons ainda menores de bichinhos que fogem do galo e a vibração do sino do convento. E logo: exclamações de surpresa de todos; falas e falas do irmão porteiro, repetindo o que ocorrera – som, muito som. Sutilmente o narrador reconstrói, no tecido narrativo, toda a massa sonora que o espanto, a surpresa e a emoção implantam no convento.

Uma singela frase pontua o fim do primeiro dia de Marcelino, na companhia dos frades: “Assim amanheceu o dia seguinte e vários outros” (p.10). Marcelino “bom como o pão” às vezes praticava más ações, por exemplo, furtar frutas no pomar, fazer travessuras na capela; também algumas doenças deram dores de cabeça aos frades, que acolhiam com grande satisfação as suas proezas celebradas às vezes com boas risadas. Em outras oportunidades, suas façanhas, como a de colocar os escorpiões ao sol, para que morressem, custavam-lhe reprimendas e puxões de orelhas. Observando-o, ao brincar com sapos e lagartixas, os frades achavam-no parecido a um pequeno São Francisco; o narrador, porém, arremete: “São Francisco coisa nenhuma!”. Aqui, como em outras oportunidades, o humor faz-se presente.

Por volta dos cinco anos, Marcelino perguntava a si próprio qual a sua origem e família, quem seriam sua mãe e seu pai, pois sabia que outros meninos, a exemplo de Manuel, criança com quem tem uma rápida aproximação, possuíam mãe e pai. Ao perguntar a alguns frades prediletos, ouvia que sua mãe estaria no céu. E ele reflexionava que os mais velhos, embora soubessem e pudessem tudo, às vezes se enganavam, pois, por mais que ele fitasse o céu, nunca a tinha visto lá em cima.

O pátio e a horta do convento são o espaço privilegiado em que Marcelino encontra seus verdadeiros brinquedos: os animais. Sejam eles os rastejantes, como lagartixas, aranhas, escorpiões, ou os alados: moscas, libélulas, mariposas, besouros, gafanhotos. O texto diz: “Quando já tinha cinco anos, Marcelino era um garoto robusto e abelhudo, conhecendo de longe todas as coisas que se moviam, como também as que estavam bem quietas.” (p.11)

Assim, como “ao calorzinho do áspero hábito do irmão” que o recolheu da porta do convento ele se aninhou e adormeceu, a outro calor, o da amizade e do amor, se acolhe o menino em sua descoberta do mundo: Frei Blém-Blém, o sacristão, lhe ensina a armar os laços e arapucas; Frei Porta, o porteiro, chupa o veneno que lhe injeta a mordida de um escorpião. Humorísticos são os nomes com que se refere aos outros frades: ao fundador, agora enfermo e velhinho, “Frei Dodói”; ao que sugerira o seu batizado, para evitar que ele fosse retirado do convento, “Frei Batizo”; e ao irmão cozinheiro, “Frei Papinha”.

A voz do narrador onisciente, através das partes sem título que compõem o conto, mas numeradas por números ordinais, de 1 a 6, dá sustentação à representação com as peripécias e descobertas de Marcelino filtradas por seu olhar infantil.

Este recurso leva-nos a empreender um pequeno exercício de paráfrase possibilitado pelo excelente artigo de José Castello cujo título é: “Cortázar na escola”. Nele, o articulista retoma algumas opiniões do autor argentino no prólogo de suas *Histórias de cronópios e de famas*. Para Cortázar, ninguém se torna um escritor sem conservar a porosidade que define a infância.

Esta porosidade, definitiva da infância, assoma em várias passagens: na parte 1, quando o porteiro, com o recém-encontrado bebê ao colo, “adormecido ao calorzinho do áspero hábito do irmão, “tem este ato narrado em paralelo com o galo que desliza silenciosamente para o pátio, para caçar “não se sabe que bichinhos ainda sonolentos”; na parte final, 6, quando lado a lado coloca o narrador, no enterro, carros e cavalinhos que acompanhavam a grande comitiva e a possibilidade de poder estar ali, “trincando umas poucas ervas” a cabra que alimentara Marcelino, então já morta; e ainda, em 4, quando Marcelino pergunta a Jesus se poderia tirar os pregos da cruz e, também, na mesma parte, quando hesita em dizer a Jesus que vai trazer-lhe um cobertor, mas não sabe se isto seria roubar.

3. O Sótão

O pátio e a horta, além dos espaços internos do convento, são lugares permitidos a Marcelino; há, entretanto, uma proibição: "... só havia uma árvore do Bem e do Mal, só uma proibição pesava sobre o menino: a de subir as escadas do celeiro e do sótão, muito estragadas e perigosas para uma criança." (p.15).

Os frades o assustavam dizendo-lhe que por elas desciam ratazanas bigodudas e com terríveis dentes que pareciam alfinetes; como Marcelino lidava com ratazanas e até as matava, nas brincadeiras com Mochito, o gato do convento, então passaram a dizer-lhe que, no sótão, se escondia um homem muito alto, que podia apanhá-lo e levá-lo para sempre.

O sótão transforma-se desse modo em lugar de mistério, ao qual o menino pretende subir. Após várias tentativas, consegue entrar e vê um homem assombroso; após o susto, desce e encaminha-se para a horta.

Após alguns dias, volta ao sótão e reconhece na cruz, "alta como uma árvore", Jesus Cristo. Diz o texto:

Marcelino nunca tinha visto um crucifixo tão grande com um Jesus Cristo do tamanho de um homem pregado na cruz, alta como uma árvore. Aproximou-se da cruz e, ao olhar fixamente o rosto do Senhor, o sangue que lhe gotejava da fronte pelas feridas da coroa de espinhos, as mãos e os pés cravados na madeira e a grande chaga do lado, seus olhos se encheram de lágrimas. Jesus tinha os olhos abertos e, com a cabeça um pouco inclinada sobre o braço direito, não podia ver Marcelino. O menino foi dando a volta até colocar-se debaixo do seu olhar. Jesus estava muito fraco e a barba caía-lhe aos borbotões sobre o peito; tinha as faces encovadas e seu olhar despertava muita pena em Marcelino. Marcelino vira muitas vezes Jesus, mas sempre pintado no quadro do altar da capela ou em crucifixos pequenos, como se fossem de brinquedo, nos rosários dos frades. Mas nunca havia visto um "de verdade" como agora, com todo o corpo nu e que se podia contornar com os braços, havendo espaço por trás. Então, tocando-lhe as pernas magras e duras, ergueu os olhos para o Senhor e disse-lhe, sem rodeios:
– Você tem cara de fome! (p.22)

Desce, dirige-se à cozinha, consegue enganar Frei Papinha e volta ao sótão, oferecendo a Jesus o pão roubado: "Então, o Senhor abaixou um braço e

recolheu o pão. E ali mesmo, pregado como estava, começou a comê-lo.” (p.23).

Ao despedir-se de Jesus e descer a escada, Marcelino tem a certeza de possuir mais um amigo para juntar a Mochito, o gato do convento; à cabra, sua ama de leite; e a Manuel, seu amigo invisível. Segundo Juan Cervera, a relação afetiva, com Jesus principalmente, é importante para toda criança. Uma de suas manifestações mais destacadas reside na criação de companheiros imaginários. Godin (apud Cervera, 1991, p.63) explica seu significado: a criação deles é

amiúde apresentada pelos psicólogos como meio para reduzir temores e angústias próprios das crianças, porém também como preparação para os encontros reais esperados do porvir, particularmente na adolescência.

Segundo Cervera (op.cit.), é nesta perspectiva que deve situar-se a análise de *Marcelino Pão e Vinho*. No nascimento deste “outro”, que é companheiro imaginário, dentro do contexto do relato de Sánchez-Silva, isto é, o de uma criança criada por frades franciscanos, portanto educada na fé católica apostólica romana, que recebe relatos de caráter mítico nos quais um prestigioso personagem, neste caso Jesus Cristo, se move em situações que oferecem analogias com as etapas de sua vida ou de certos estados de ânimo: Jesus Cristo que cura e faz milagres (p.32). Jesus Cristo, então, poderá responder à questão fundamental que desde sempre ocupa o pensamento de Marcelino: quem é sua mãe, ou melhor, onde está sua mãe?

A quarta e quinta partes narram as novas visitas que o menino faz ao homem do sótão, os alimentos que lhe oferece, especialmente pão e vinho, e as mudanças em seu comportamento, que acabam por trazer inquietação aos frades.

Jesus conta a sua história a Marcelino, e, reciprocamente, Marcelino conta a sua ao seu companheiro imaginário. Também Jesus dá novo nome ao menino – Marcelino Pão e Vinho –, cujo anúncio aos frades, durante a refeição, provoca aborrecimento em alguns, sorrisos em outros e olhar sério do Padre

Superior: A Marcelino “parecia-lhe que aquele olhar penetrava dentro dele, desvendando-lhe todas as ideias e lembranças.” (p.31).

O Padre Superior encarrega Frei Papinha da missão de descobrir o que o menino faz com a comida que subtrai à cozinha. São duas tentativas malogradas, mas a terceira recebe a seguinte narração: “Chegando até a porta do sótão, ficou observando dali, onde não corria o risco de ser visto. Do que viu Frei Papinha pelas frestas e do desmaio que o prostrou em seguida pouco podemos saber.” (p.36).

Crendo sofrer alucinações, o bondoso irmão cozinheiro pede ajuda a Frei Porta, que também não quis dar crédito a seus olhos. Ambos pedem luzes a Deus para entenderem aqueles fatos tão misteriosos.

“Marcelino andava aqueles dias como que mergulhado em sua ventura” (p.38): este é o enunciado que abre a parte 6, última do relato e também onde se narra o derradeiro encontro entre o menino e Jesus. Por ter sido um bom garoto, Cristo quer premiá-lo com o que mais Marcelino desejar. E diz o menino: “Só quero ver minha mãe e também a tua depois.” (p.39). Jesus, então, o puxa até ele, senta-o em seus joelhos e diz-lhe suavemente que durma.

Onze vozes exclamam “Milagre!” à entrada do sótão, e onze frades, menos Frei Dodói, irrompem no pequeno vão, onde mal cabiam. Diz o narrador:

Mas tudo já estava em paz. Sob a luz da janelinha aberta viam-se como sempre as estantes cobertas de livros e calhamaços empoeirados, os móveis velhos, as madeiras empilhadas e o Senhor em sua cruz, imóvel, pálido e agonizante... Marcelino repousara sozinho entre os braços da cadeira, parecendo dormir. Os frades caíram de joelhos por longo tempo, até constatarem que Marcelino não despertava.

O padre Superior então se aproximou e, depois de tocar-lhe as mãos, fez sinal aos padres que descessem, dizendo apenas:

- O Senhor levou-o consigo; bendito seja o Senhor!
(p.39)

4. Epílogo

Conto maravilhoso, de corte religioso, *Marcelino Pão e Vinho* está representado por algo que surpreende extremamente, por narrar algo prodigioso que não pode explicar-se de forma natural. Como maravilhoso pode qualificar-se a série de visitas que o menino faz ao sótão onde se encontra a imagem de Cristo crucificado, com a qual estabelece relação de amizade. O maravilhoso age no conto sem causa nem explicação lógica (Cervera, 1991, p. 71).

No prefácio da primeira edição de sua obra, em 1953, Sánchez-Silva confessa que tentou contá-la aos pais, para que eles por sua vez a contassem a seus filhos, procedimento extremamente valorizado na bibliografia de literatura infantil e juvenil. Também justifica sua obra como sendo um relato que recebeu, em sua infância, dos lábios de sua mãe.

A cena narrativa inicia-se na primeira década do século XIX, período em que a Espanha é assolada pela invasão napoleônica. Após a expulsão dos franceses, passa este país por períodos de turbulência, constituído pelas guerras carlistas que duram aproximadamente trinta anos, a partir da elevação ao trono de Isabel II, em 1833.

Sánchez-Silva nasce em 1911, tornando-se órfão em 1920, aos nove anos. A publicação de *Marcelino Pão e Vinho* é de 1952, treze anos após a Espanha encerrar outro ciclo de guerra: a Civil, de 1936 a 1939. O que se pretende assinalar é que o tema central do conto, a orfandade, ficcionalmente vivida pelo menino Marcelino, mas diretamente experimentada pelo autor do relato, relaciona-se na atualidade com os terríveis conflitos bélicos que explodem em todas as partes do mundo, causando sofrimento a milhões de seres, tornados órfãos de pais e mães ou de um deles. Isso evidencia a oportuna releitura do relato de Sánchez-Silva e sua transcendência.

O filme homônimo de 1954, facilmente encontrado em locadora, dirigido por Ladislao Vajda, pode ser visto e analisado, segundo a pluralidade de temas e motivos que seu suporte literário propiciou: a religiosidade, a orfandade, a amizade, a caridade e a presença do humor, sempre elemento de inteligência na ficção de Sánchez-Silva, sempre contraponto certo à explosão da emoção, impedindo que o relato torne-se piegas ou choramingas.

Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos Contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CASTELLO, José. Cortázar na escola. *O Globo* - Prosa & Verso, Rio de Janeiro, 6 jun. 2009. p. 4.

CERVERA, Juan. *Teoría de la literatura infantil*. 3.ed. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1991.

RODRÍGUEZ, A. O. Premio Andersen de Literatura. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Forum/2867/62.htm>> Acesso em: 20 set. 2003.

-----, Premio Andersen de Literatura. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Forum/2867/62.htm>> Acesso em: 20 set. 2007.

SÁNCHEZ-SILVA, José María. *Marcelino Pão e Vinho*. Tradução de Dom Marcus Barbosa. Rio de Janeiro: Record, 1962.

SORIANO, Marc. *La literatura para niños y jóvenes*. Guía de exploración de sus grandes temas. Traducción, adaptación y notas de Graciela Montes. 1.ed. 3. reimp. Buenos Aires: Colihue, 2005.